

Diversão & Arte



Tempo: os mistérios da existência perseguidos pelo diretor M. Night Shyamalan

Universa! Pictures/DWU/acabá

No filme *Tempo*, o diretor M. Night Shyamalan abandona a carga dos presságios de thrillers anteriores e embarca num didático terror visual

ILHA DO MEDO

» RICARDO DAEHN

Quem aposta que o melhor remédio é o tempo, “que cura tudo”, vai ter um bom entendimento do filme sobrenatural de suspense proposto por M. Night Shyamalan; o cineasta associado à criação do clássico *O sexto sentido* (1999). Ao adaptar a graphic novel *Sandcastle* (de Pierre-Oscar Lévy e Frederick Peeters), Shyamalan não quer deixar dúvidas para o espectador, e tudo que é visto na tela, é bem explicado. O enredo parte das reações alteradas nos corpos afetados por um tempo acelerado que ronda turistas, numa ilha desértica.

Como no longa *Fim dos tempos*, de 2008, a natureza parece conspirar com algumas circunstâncias fantasiosas. No novo filme, há personagem que aventa um vírus como uma possibilidade associada ao inferno na vida da galeria de tipos unidos para veraneio em resort paradisíaco.

Ao sabor das teorias da conspiração da atualidade, Shyamalan administra os destinos dos turistas que vão para a praia. E é ele, como ator, que aparece em cena, na pele do motorista do resort que guia todos. Estatístico de riscos associado a seguros de vida, Guy (Gael García Bernal), um dos protagonistas, está em crise no casamento com Prisca (Vicky Krieps). E o casal traz para um momento de relaxamento o casal de filhos: Trent (depois de mais velho, interpretado por Alex Wolff) e Maddox (Thomasin McKenzie).

Ao acaso, como tudo leva a crer, eles ganharão a companhia dos personagens de Rufus Sewell (conhecido pelo longa *Judy*), Nikki Amuka-Bird, Ken Leung e Abbey Lee (de *Mad Max*).

Há um momento do filme em que Guy é acusado de apenas “pensar no futuro”, enquanto

Prisca se vê fixada no passado. Prisca, aliás, ainda sem saber da espécie de maldição que acompanhará o grupo, alerta para o “desperdiçar de momentos” a que muitos se entregam.

Não demora, sem aviso, ela verá os filhos crescerem sete anos, em três horas. Como que numa redoma, que faz lembrar a atmosfera da série *Lost*, *Tempo* se vale de sobressaltos, rompantes e atritos entre os confinados que vivem momentos à la filme de catástrofe coletiva, como um *O destino do Poseidon*.

Códigos e perigos

A fenda em gigantescas rochas da praia poderia servir de passagem para uma fuga, mas a reserva natural se revela aprisionante. Quem lembrar de *O anjo exterminador* de Luis Buñuel, com uma saída interdita para os participantes de um banquete, terá ideia das proporções da trama.

Ao se reservar o direito ao silêncio, o rapper Mid-Sized Sedan (interpretado por Aaron Pierre), que vaga pela ilha amaldiçoada, deixa em estado de alerta profis-

sionais como enfermeiro, psicóloga e médico, todos alinhados numa férias sem muita diversão. A viagem zen se encaminha para uma psicose coletiva.

Desmaios, surtos, ataques de epilepsia e artroses extremadas são algumas das situações presenciadas pelos espectadores.

Tempo trata de tópicos mórbidos e de seres fragilizados: pais que sentem desconforto na convivência com os filhos, pessoas sem tempo para viver o luto e degeneração física. Conceitos e desconfianças que cercam a indústria farmacêutica e a ideia de constante vigilância na sociedade, igualmente, despontam. *Tempo* abusa ainda de uma mensagem cifrada, a exemplo do que o diretor propôs, no codificado *Sinais* (2002).

Com o final alongado em excesso, há a ironia de que *Tempo* demanda paciência do espectador, já que a edição do filme é bem problemática. Ah! Preste atenção na dica de um dos personagens, obcecado pelo faroeste setentista que uniu os talentos de Marlon Brando e Jack Nicholson, *Duelo de gigantes* (1976).

» Outras estreias

CAROS CAMARADAS: TRABALHADORES EM LUTA

De Andrey Konchalovsky. Ferrenha defensora do Partido Comunista, depois de testemunhar crimes envolvendo o governo, tem as crenças ideológicas abaladas. *Rodantes* De Leandro HBL. Fuga de misérias, a superação de um trauma e a busca por independência pessoal integram três personagens com sofridas vidas progressas. Caroline Abras é uma das protagonistas.

DUPLA EXPLOSIVA 2 — E A PRIMEIRA-DAMA DO CRIME

De Patrick Hughes. O elenco é um dos atrativos à parte: Salma Hayek, Antonio Banderas, Samuel L. Jackson e Ryan Reynolds. Na trama, um guarda-costas é destacado para proteger poderoso casal que tem por desafeto um homem ligado à conspiração global.

O BUSCADOR

De Bernardo Barreto. Saída de uma família de político repleto de privilégios, moça se encanta por um líder de comunidade.

ANA, SEM TÍTULO

De Lucia Murat. Coprodução entre Brasil e Argentina, o longa revela a trajetória de pesquisa de uma atriz imersa nas histórias de artistas plásticas que resistiram a ditaduras latino-americanas.

É COMO ESTAR NA DISNEYLÂNDIA

» PEDRO IBARRA*

Conhecido como um brinquedo famoso dos parques da Disney, *Jungle Cruise* será lançado hoje nos cinemas como filme. Protagonizado por Dwayne “The Rock” Johnson e Emily Blunt, o longa apresenta uma aventura do capitão Frank Wolff e da pesquisadora Lily Houghton pelas águas dos rios da Amazônia. Os dois personagens se arriscam nos desafios da busca por uma planta que teria poderes de cura. O filme também estará disponível no Premier Access do Disney Plus, no valor de R\$ 69,90, a partir de amanhã.

“É um bem-humorado, filme de ação e aventura. As pessoas estão dizendo que tem elementos de Indiana Jones ou Tudo por uma esmeralda. É bem divertido e tem um enredo intrigante e interessante”, conta Paul Giamatti em entrevista cedida pela Disney ao *Correio*. “Tem um pouco de cada coisa. É um ro-

teiro incrivelmente imaginativo”, complementa o ator que interpreta o personagem Nilo.

A produção é uma viagem no barco de nome *Jungle Cruise*, usado por Frank Wolff para enganar turistas que chegam à Amazônia, e contratado por Lily para a empreitada. A embarcação está caindo aos pedaços por conta da extorsão de Nilo a Frank. O personagem de Giamatti é um dos donos do local em que se guardam os barcos, e cobra taxas abusivas do protagonista. “Nilo só quer controlar tudo. Então, ele trata mal Frank para conseguir o que quer”, explica o ator. A aventura começa porque Frank está em dívida com Nilo. “Meu personagem é o maior obstáculo no caminho do Frank para conquistar uma vida boa, e ganhar mais dinheiro”, reflete o artista.

O filme abusa dos efeitos visuais para colocar animais, vilões e momentos grandiosos, todos feitos de computação gráfica. A intenção do filme é

passar o mais próximo possível da experiência de andar no brinquedo disponível na Disneyland, Magic Kingdom, Tokyo Disneyland e Hong Kong Disneyland. “Pessoas que estão familiarizadas com o brinquedo se lembram das piadas e dos trocadilhos atrelados a ele, mas a história te leva para uma grande jornada. É incrível”, comenta Paul Giamatti. A história eletrizante, portanto, se soma à impecável realização técnica. Para Paul Giamatti, o público pode esperar muito do filme. “O longa literalmente é como um bom, divertido e louco passeio em um brinquedo”, analisa Paul. “Eu espero que todos tenham um bom passeio”, deseja.

* Estagiário sob a supervisão de Severino Francisco

Dwayne Johnson e Emily Blunt: viagem rumo ao sucesso



Disney/Murphy/Inf